

Prefácio

Diana Vidal

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VIDAL, D. Prefácio. In: BORGES, A. *A urdidura do magistério primário na Corte Imperial: um professor na trama de relações e agências* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2021, pp. 15-17. ISBN: 978-65-87949-20-8.

<https://doi.org/10.7476/9786587949208.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Faz algumas semanas, Angélica Borges pediu-me para escrever o prefácio à publicação de sua tese de doutorado, intitulada *Na urdidura do magistério primário na Corte Imperial: um professor na trama de relações e agências*, realizada na Faculdade de Educação-USP, sob minha orientação. Ao dar início à escrita, percebi que a tese tinha sido defendida há exatos dois anos. Apesar de ter ainda viva na mente o período de trabalho e convivência com Angélica e de lembrar-me com clareza da satisfação com que vi o produto tomando forma e fui me surpreendendo com a capacidade investigativa e argumentativa da então doutoranda, achei prudente abrir novamente o arquivo e voltar ao texto.

Reli os agradecimentos, revi o resumo e o sumário, passei pelos capítulos. Uma sucessão de imagens e sentimentos foi me acometendo: nosso primeiro encontro, ainda na UERJ; a frequência de Angélica às aulas e atividades do NIE-PHE; as sessões de orientação; o semestre em que, como monitora, estive ao meu lado nas aulas da Licenciatura na FEUSP; as conversas sobre a possibilidade de um estágio-sanduíche no exterior; a viagem à França, quando pudemos visitar juntas os acervos de bibliotecas e as instituições em Paris e Lyon, onde depois ela retornaria sozinha com o apoio da bolsa CAPES; o cordeiro partilhado no almoço oferecido generosamente por Max Butlen em sua residência na banlieue pariense a nós e Anne-Marie Chartier; a primeira visão da Torre Eiffel; a apresentação de trabalho conjunto no CIHELA, em Toluca, no México; a escrita solidária de artigo para a *Revista Brasileira de História da Educação*; e tantos outros momentos com que fomos, nós também, tal como o professor Pardal, personagem central da Tese, urdindo o mister da docência.

Nesses caminhos percorridos pela memória, vi a nós duas como “professoras na trama de relações e agências”. Os eventos que nos uniam constituíam a experiência do magistério em pós-graduação e, se se distanciavam em grau das trajetórias traçadas no ensino primário, se aproximavam no exercício da docência

como ofício. O professor Pardal, mestre de primeiras letras da Corte, fio condutor dos nexos evidenciados por Angélica na Tese ao analisar as várias dimensões do magistério – saberes, fazeres, relações sociais, apropriações, protagonismos, carreira –, como excepcional normal, no dizer de Carlo Ginzburg, indiciava sujeitos do seu tempo. Simultaneamente, oferecia elementos de um repertório docente constituído como arte “imemorial”, como nos faz supor Michel de Certeau, impregnado no ofício do magistério. Passado investigado e presente vivido entrelaçados em experiências docentes que se espraiam por gerações, sendo constantemente reinventadas.

Angélica condensa esse múltiplo agenciamento em sua prática. Continua como professora do ensino fundamental na Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, enquanto exerce a função de professora-adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. Atua na educação formal de crianças e perscruta as sendas da história dessa mesma educação elementar. Une pontas desse largo tecido do magistério, sem a pretensão de concluir o tramado, mas movida pela beleza do ato de tecer. É essa seriedade e compromisso com a docência, temperada com grande sensibilidade que encontramos nas páginas de sua tese.

Para capturar aspectos do magistério Oitocentista na Corte Imperial, Angélica, com maestria, faz uso de uma metodologia inovadora. Se o professor Pardal é seu ponto de partida e de chegada, não esgota a narrativa. Ao contrário, ele é pretexto para que a autora possa incursionar pelas estratégias para constituir-se mestre em um momento em que as escolas normais são escassas; acompanhar os passos de conformação do magistério como carreira; compreender a abrangência territorial das escolas de primeiras letras; perceber a composição social e etária dos alunos no século XIX; perscrutar as agências de famílias e professores nas disputas com o Estado e no encaminhamento de demandas; e investigar a circulação internacional de saberes pedagógicos e sua apropriação no Brasil.

O período de estudo é amplo. Estende-se de 1830 a última década do Império. O conjunto documental utilizado é vastíssimo: relatórios, ofícios, correspondências de professores, mapas de frequência de alunos, jornais, almanaques, mapas do centro da cidade do Rio de Janeiro. O método leva ao limite a proposta de seguir o “fio do nome” de Carlo Ginzburg. São dezenas de alunos e professores cujas trajetórias acadêmicas foram acompanhadas por Angélica nas diversas fontes mobilizadas, exigindo um exercício de memória impressionante.

Tramas, agências, relações são concebidas de forma plural no desafio de perspectivar o passado na sua diferença, tencionando os limites da interpretação

histórica, por meio de uma escrita que mesmo tendo os sujeitos por objeto, não os objetiva, mas procura apreender os vestígios dessa humanidade pretérita.

Impecável talvez seja o adjetivo que melhor define esta tese que ora vira livro, como impecável é o caminho traçado por Angélica e impecável sua atuação acadêmica. Esta é uma leitura inesquecível de um trabalho que pode ser considerado como modelar a outras investigações. É também uma narrativa extremamente sedutora pela destreza da pena e pela sensibilidade do olhar que se projeta sobre a história da profissão docente e tenta captá-la na sua dimensão humana e experiencial. O professor Pardal é um dos vários mestres apreendidos nessa tessitura que, de modos distintos, une outros tantos professores de vários níveis, em dimensões sincrônicas e diacrônicas, e nos permite conceber essa antiga experiência docente como uma arte sempre (re)novada.

São Paulo, novembro de 2016.

Diana Vidal